

Uma conversa inacabada com a poesia de Ana Cristina César e Safo

Tânia Lima¹

Tenho uma folha branca /...e limpa à minha espera:/mudo convite/tenho uma cama branca/.....e limpa à minha espera:/mudo convite/tenho uma vida branca/.....e limpa à minha espera:

A literatura começa com um verso. E vimos algumas confidências em nossos dias de que a poesia é coisa fragmentada demais. A falta de sentido que há em James Joyce tem um sentido. A fragmentação que aí está somos nós. Onde está o linear do inconsciente? A fragmentação se estende de Aristóteles ao dias de hoje, e a poesia de forma cada vez mais fragmentada diz mais sobre as questões da existência. Como diz Nietzsche no livro *O nascimento da tragédia*: “O que o verso é aqui para o poeta é para o filósofo o pensar dialético”.

Pensar sobre um poema da poeta Ana Cristina César é sentir as páginas da lírica abrindo as correspondências incompletas da vida moderna. Sentir, pensar, leva-nos a imaginar os tormentos de um ser humano frente às angústia da alma. É imaginar a descoberta de um mundo aberto para o desconhecido. Frente a uma página em branco, o poema nasce para revelar os mistérios de como estamos nesta prisca eras de pós alguma coisa.

Essas questõeszinhas me fazem lembrar de Jorge Luís Borges, quando diz no início do livro *Esse ofício do Verso*: “De fato toda vez que me deparo com uma página em branco sinto que tenho de descobrir a literatura para mim mesmo”. Borges no final da mesma página nos lembra que a literatura não lhe dava respostas, mas dúvidas. Um pouco mais à frente, Borges declara: “Há beleza demais no mundo, meu Deus! Salve-me da beleza”. Por um momento, sentimos Borges falando por todas as gerações de escritores anteriores e posteriores a ele.

Na leitura intervalar, um verso de Ana Cristina César desperta um regresso que abre uma interrogação minúscula: “A poesia pode me esperar?”. Na página ao lado, César responde: “Não, a poesia não pode esperar”.

Algum tempo daqui, o poeta Paulo Leminski repetia que um bom verso podia esperar dez anos. Manuel Bandeira atravessou dez anos para terminar seu poema *Vou me embora pra Pasárgada*. Em Ana Cristina César, o poema não teve tempo para esperar. A morte ícara aos 31 anos, em 1983, deixou um saldo de uma obra pequena para os séculos; grande como os dias. Os poemas da autora de *Inéditos e dispersos* são desvairados à beira de uma angústia proverbial niilista: “Não lembro de nenhum céu que me console/ nenhum”.

¹ Tânia Lima, escritora e doutoranda em Letras UFPE, autora dos livros de poesia: *Pedra do sol*(1996), *O livro do abrigo* 2000, *A bela estrangeira* 2001 [Prêmio Xerox do Brasil SP], *Brenhas* 2003, *Nus Mangues* [prêmio “Redescoberta da Literatura Brasileira” - Revista Cult de Literatura - Fev. 2003].

Inserida em um contexto extemporâneo, a moça rebelde da contracultura exhibe as pernas para a poesia marginal abusando da linguagem coloquial solta, distraída. “Tenho ciúmes deste cigarro que você fuma/ tão distraidamente”. Em uma época de incerteza política, pós-golpe de 64, observa também que figuras humanas aparecem sendo postas em questão na relação doméstica. Com uma resposta brevíssima, César rebate: “Baixa teu jornal, homem!”. Sem titubeios, o eu-fêmeo repensa a condição da vulva na sociedade capitalista. Vejamos pela frecha da porta outro confidente arpejo de Ana Cristina César: “Acordei com coceira no hímen./ No bidé com espelinho examinei o local”. Para o crítico literário e escritor, Silviano Santiago: “O espelho não é objeto onde o ser humano se conhece a si, é a imagem concreta que recobre o reflexo que, a seu turno, é tijolo que serve para que a mulher construa a própria identidade.”

Há, nos poemas de César, uma falta que não se preenche. Uma angústia existencial que a poeta encara sem saber ao certo como lidar. Diante de uma solidão inacabada e incompleta, o eu-poético ama e des-ama em poesia. No poema, o amor é preenchido pelo excesso de ponto de interrogação: “É aqui o amor?” A dúvida existencial sobre os caminhos do amor perpassam muitos de seus poemas: “Porque essa falta de concentração?/ Se você me ama, por que não se concentra?”(p.85). Em Ana, o amor parece nunca chegar e quando chega quer partir: “Não quero que você chegue, amor?”

Há um desencontro emocional nas entrelinhas que atropela as palavras e corta pelo lado avesso o que poderia ser um caminhar. Na falta de um sentido, não há caminhos a seguir: “A angústia é fala entupida.”. Sem perspectiva para sonhar, há um romantismo tardio, uma rebeldia bastada, concreta. Os poemas de César sugerem atravessar as paredes da existência, tocar o vazio e se deparar com o nada. O eu lírico se biparte em ironias: “a gente sempre acha que é /Fernando Pessoa.” A ironia vira brincadeira no reino da fantasia marginal de César.

No desregramento da estética, os versos vêm sugeridos de ausências. Como alerta o crítico Silviano Santiago, revisitando os escritos da autora: “Há uma perda do centro” [das atenções]. Na fragmentação do eu, o sentimento vem desromantizado, as sensações, quando aparecem, vêm como se fossem *flashes*, breves cortes telegráficos. Como se não houvesse mais tempo para a profundidade do ser. Por essa perspectiva, os poemas-imagens remetem a um ser em luta existencial com os outros eus. Talvez por isso que não se encontre em Ana Cristina César uma descrição pormenorizada dos sentimentos. Esse traço vai marcar a estética de toda a geração de escritores marginais de 1970.

Em seus estudos sobre a poesia, o filósofo Heidegger observa que a “linguagem é a morada do ser”. Acreditamos em que a linguagem abriga parte da alma humana. Em verdade, não conseguimos nomear a profunda dor humana. Se não conseguimos nomear, é porque a linguagem também carrega limites. A poética não afirma nada; apenas diz, faz sugerir. Ao

sugerir, a linguagem aponta para o que há de mais desconhecido de nossa vida: nossas sensações, nossos sentimentos. Nessa linha, a poesia de César é indicativa quando diz versos desta natureza: “Sou uma mulher do século XIX/ disfarçada de século XX”. O poema sugere as máscaras de uma realidade desfalcada: “Não quero mais pôr poemas no papel/ nem dar a conhecer minha ternura”.

A poesia abre a porta do autoconhecimento e indica: “O livro de cabeceira cai no chão/ tua mão desliza distraidamente sobre a minha mão”. A lição de poesia não cabe na lida, o corpo do verbo seduz: “Ela quis/ queria me matar, quererá ainda, querida?” Os poemas postais de imagens vão seguindo as variações, as tonalidades da expressão que saltam da tragédia às variações do drama, da comédia aos solavancos de um lirismo erotizado pela roda viva da identidade feminina. O lado síncope da pontuação e do *enjambement* [presença de corte no verso] referencia aí a estética da perda e da rebelião lingüística na escrita da geração tropicalista.

Sem fórmulas nem normas, ao pintar uma época, a obra de arte nasce aberta, não se fecha nunca à possibilidade de uma conclusão fechada. Como reclama César: “Rolo no colchão./ E sem bravata, coração, aumento o preço”. Em Ana Cristina, o verso vem cortado de era moderna, o soneto aparece torto com dois quartetos e um terceto. O questionamento existencial antecede a indagação poética: “Pergunto aqui se sou louca/ Quem quem saberá dizer/ pergunto mais, se sou sã/ e ainda mais, se sou eu.”

Metida em uma época ditatorial de 1970, a ditadura espreitava a arte de censura. Era proibido proibir o espírito da contracultura. Desbundava os valores da geração marginal em versos picotados de rebeldia em figuras como César: “Não fica aborrecida: beijo político lábios de cada amor/ que tenho”. Por essa mesma época indagaram a Clarice Lispector se a escrita dela era feminina. Ela, com seu sotaque preso, respondeu impaciente: “Eu não escrevo com um sexo, escrevo com os dois”. Aliás: Eu escrevo com meu corpo”.

Clarice sabia que um escritor jamais rejeita a pele do corpo, a alma da escrita. E Ana César descrevia no corpo das palavras a tensão dos desafetos de sua geração. Seus poemas, colhidos pela “tecedura” da linguagem escrachada, vêm repletos de gírias, convivendo amigavelmente com palavras estrangeiras. Ao inscrever perplexidade, exprime dúvidas, atrai olhares, repensa pré [conceitos].

Por enquanto, vale reprisar aquele verso de Ana Cristina César: Sou uma mulher do século XIX disfarçada de século XX. Pois um verso habita nosso ser, conforta nossas tragédias, ensina-nos a saborear a simplicidade de um gesto generoso. Muitas vezes ajuda-nos a perceber o que nos é prazeroso. Muitos livros são ocasião para poesia. Lembro-me agora do livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Wolff. Nele, a autora reflete a condição de ser escritora em uma sociedade mercadológica. Para Wolff, tudo carrega um preço. Há idéias em Virgínia que já tinham sido plantadas por Safo. Há nas palavras de Ana Cristina César

conflitos do ser humano que continuam guardados dentro da humanidade. Alguns desses estampam as páginas amarelas do relacionamento amoroso, machismo, política, metapoética e preconceitos enraizados.

2 - Os palores de Safo

Por volta do século VII, VI a. C, Safo escrevia um poema que condiz muito com o que estamos vivendo atualmente: “A mais bela coisa deste mundo/para alguns são soldados a marchar/ para outros uma frota; para mim/ é minha bem-querida.”

Safo abre, diante de nós, a montanha mágica da Grécia e mostra as raízes de uma poesia que conhece os pavores e palores da existência. Para viver simplesmente, Safo, “a décima musa de Platão”, tinha de estender à sua frente uma leitura do corpo resplandecente aos habitantes da ilha de Lesbos. É certo que escrevemos com nosso corpo, nossa alma, nossa cultura, nossas dores, nossos amores. Porque em verdade são essas coisas que nos dão a condição de nossa humanidade. Quando Safo diz: “O amor agita meu espírito/ como se fosse um vendável/ a desabar sobre os carvalhos”, vê-se aí a compreensão do que precisa ser nomeado em razão do há de mais universal na humanidade: o amor e a dor. Em verdade, nada fazemos sem primeiramente sabermos quem somos. Ser envolve um discurso, mas o ser é reconstruído por cada ação. A nossa ação é que nos revelará. Vivemos o dilema entre o que se é e a máscara do que se seria. Quem somos afinal? Eis o sofrimento: Vive-se a trágica dor do confronto consigo mesmo entre o ser que constrói e os mitos que a sociedade recria e nos quais nem ela mesma se identifica.

Não sei se estamos mais trágicos, mas sei que estamos mais solitários. O escritor Rubem Alves indagava que vivemos uma época em que há uma ausência de SER. Somos apresentados aos outros não como pessoas sonhadoras, repletas de ânsias, falhas e desejos, mas somos apresentados primeiramente como seres de profissão. Onde estará, como anda nosso Ser? Os gregos acreditavam que o conhecimento do SER perpassava o corpo. O Ser na poesia de Safo é um ser detentor de coragem, capaz de carregar suas paixões e dores sem medo, sem culpa, sem moral, sem controle sobre os outros, sem o peso da vitimização. A poética do corpo é visível na obra de Safo: “Ditosa que ao teu lado só por ti suspiro!/ Quem goza o prazer de te escutar,/quem vê, às vezes, teu doce sorriso. Nem os deuses felizes podem igualar”.

O grande compromisso da poesia sáfica é com o amor, expresso com simplicidade escultural, às vezes com temura, outras vezes com o fogo sagrado de Eros e Psique. Em Safo, somos o que amamos. E amamos sempre com nosso corpo, nossa alma. Como diz Adélia Prado: “Erótica é alma”. E na escritura de Safo a erótica vira estética. A palavra sugerida deseja o corpo do amor: “Da sua pele em minha pele!/ [...] Cama macia, o amor nascia/ de sua beleza, e eu matava a sua sede.[...]”

Na história da humanidade, a expressão socrática “Conhece-te a ti mesmo” sempre esteve na berlinda das líras da poesia. Não é à-toa que Platão, ao idealizar sua *República*, coloca a poesia como arte dirigida a servir o Estado. A utilidade da poesia para Platão era fazer prevalecer o bem-estar do poder político. Em sua *República*, defendia os hinos em louvores aos deuses e os elogios de homens ilustres como úteis ao Estado. Nesse sentido, a poesia de Safo, por expor-se à escrita lírica que se propôs, não somente à sedução do desejo, mas também por sugerir os tormentos da alma frente ao abismo das dores, talvez estivesse fora da *República* idealizada pelo filósofo. Vejamos então o que nos suscita este poema de Safo:

A Átis em que a coragem de ser feliz sobrepõe-se ao desejo de morrer: [...] não Minto: eu me queria morta. Deixava-me, desfeita em lágrima:/ Mas , ah, que triste a nossa sina!/Eu vou contra a vontade, juro, Safo, seja feliz, eu disse.

Há nesse poema um dupla leitura inicial. O nome Átis pelo qual precisei me socorrer do livro *Fêmeo*, de Helena Pessôa, para encontrar as raízes dessa palavra. Segundo Helena Pessôa, Átis é uma heroína na mitologia, filha do rei de Atenas, Crânao, e da Lacônia Pedias, filha de Mines. Átis é neta de Hélio por parte de pai. Átis morreu antes de se casar. A pátria dos crânaos passou a chamar-se Ática em honra dela. Também me socorri do livro de Décio Pignatari, *31 poetas/ 214 poemas*. O nome Átis diz respeito no verso a uma de suas alunas ou namoradas. Que dentre algumas, segundo o poeta concretista, vale destacar: Átis, Anactória, Gônguila, Telesipa, Mégara; e suas rivais, Andrômeda, Gorgo. Como se observa no poema de Safo, a morte é desafiada. Nesse contexto, para os gregos, entre ir para o exílio e viver como escravos, os gregos preferiam morrer na Pátria de Homero. Sócrates, a exemplo, entre o exílio e a morte, preferiu tomar sua cicuta em paz.

Segundo a lenda, tendo-se apaixonado por um certo Fáon e vendo-se repelida por ele, Safo lançou-se no mar alto do penhasco de Leucás. Séculos distantes dali, cansada das angústias depressivas e remates existenciais, Ana Cristina César, contemporânea de Torquato Neto, dá um salto para a imortalidade e pula do décimo andar da poesia. É certo que muitos poemas seguidores do romantismo byroniano imortalizaram suas obras em sua tragédias. Vivemos em verdade, segundo Heidegger, uma angústia que atravessa os dois nada que fundam a linha da existência: o nada que havia antes de nascer e o outro nada que nos resta depois da morte. Esses dois nada, segundo Heidegger, irá perpassar (a) toda obra humana. Para conviver melhor com esses dois abismos, a arte compreende nossas dores e nos ajuda a buscar uma felicidade mais plena. Sem a arte, sem o amor e sem o profano, o sagrado, talvez não suportássemos o peso da existência.

Por isso que somos a morada da linguagem, porque somos enquanto linguagem, somos seres fundantes de discurso. Se analisarmos o clangor das palavras, frente a um lirismo carregado pelas faíscas do desejo, Safo tece no fio da linguagem o corpo com morada das paixões humanas. Vejamos o que diz a poeta contemporânea de Alceu, já se arriscando em versos entrecortados de *enjambments*, versos que se deixam levar pelo ritmo livre de imagens sonoras de uns decassílabos sáficos:

(“) A língua como que se parte, corre/ um tême fôgo sob a minha pele,/ os olhos deixam de enxergar, os meus/ ouvidos zumbem./ e banho-me de suor, e tremo toda/ e logo fico verde como as ervas, e pouco falta para que eu não morra/ ou enlouqueça.